

# Onde o país se pensa e se constrói

» ROZANA REIGOTA NAVES  
Reitora da UnB



papel singular da capital da República.

Essa trajetória também foi marcada por momentos de ruptura. Durante a ditadura militar, a UnB esteve entre as universidades atingidas pela repressão, com invasões ao câmpus, perseguições e demissões que comprometeram seu projeto original. Esses acontecimentos consolidaram a instituição como espaço de resistência e defesa das liberdades.

Essa história ajuda a compreender o papel que a UnB exerce no cenário atual e sua relação indissociável com Brasília — cidade que materializa, cotidianamente, os desafios e as possibilidades da democracia brasileira. Brasília não é apenas sede dos Poderes: é também espaço de convivência, criação e disputa, onde a democracia se expressa nas ruas, na arte, nos territórios e nos espaços coletivos.

Diante dos desafios do presente, ratificamos o compromisso com a liberdade acadêmica, a formação crítica e os valores democráticos. Por essa razão, a campanha institucional deste ano tem como lema “Democracia todos os dias: aprender, praticar, viver”. Inspirada na obra Olho no verde e vejo o azul, de Jayme Golumbov (1997), patrimônio cultural instalado no prédio da Reitoria, a campanha dialoga com essa Brasília viva, diversa e plural, e representa um chamado à participação social, à responsabilidade coletiva e à defesa do Estado Democrático de Direito.

Na nossa gestão, esse compromisso tem se traduzido em ações concretas, alinhadas ao papel de Brasília como centro de decisão e também como território de participação social. Criamos o Comitê de Enfrentamento à Desinformação, com vistas a fortalecer a integridade da informação e contribuir para a qualificação do debate público.

Temos investido na área de inteligência artificial, com a implantação do Laboratório Institucional Multiusuário de IA e Supercomputação — iniciativa que amplia a capacidade nacional de desenvolvimento tecnológico, fortalece a soberania digital e projeta a universidade em agendas estratégicas para o país.

A atuação da universidade também se destaca na promoção da justiça socioambiental. Realizamos a Pré-COP 30 na UnB, reunindo instituições, grupos e centros de pesquisa em Brasília para debater a preservação dos nossos biomas, a produção de conhecimento e o desenvolvimento de soluções sustentáveis, contribuindo para a soberania ambiental, a valorização da sociobiodiversidade e o enfrentamento das mudanças climáticas.

No cenário internacional, a Universidade de Brasília integra a representação acadêmica na Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, ao lado de instituições de referência mundial. A partir de Brasília, espaço de articulação política e diplomática, a universidade colabora por meio do conhecimento científico para o enfrentamento das desigualdades e a promoção da justiça social em escala global.

Ao celebrar seus 64 anos, junto aos 66 anos de Brasília, a UnB reafirma sua história e projeta seu futuro. Segue como espaço de pensamento crítico, diversidade, inclusão e transformação, essencial para o fortalecimento da democracia, para a defesa da ciência e da educação pública e para o desenvolvimento soberano do Brasil.

Parabéns à Universidade de Brasília e à capital da República. Uma história comum, construída como expressão de um mesmo ideal de país, que se materializa no fazer científico e na vivência democrática.

# Brasília: uma crônica de duas cidades

» JAQUELINE GOMES DE JESUS  
Psicóloga, professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



Neste 21 de abril, a Universidade de Brasília (UnB) chega aos seus 64 anos, na mesma data em que se celebra o aniversário de Brasília, reafirmando o sentido político de sua existência. Criadas no mesmo gesto histórico, universidade e capital expressam um projeto de país: democrático, soberano e comprometido com a redução das desigualdades e com a promoção da justiça social.

Idealizada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, a UnB foi pensada como uma instituição capaz de tensionar a realidade, produzir conhecimento estratégico e formar cidadãos críticos. Inserida em uma capital concebida como símbolo de futuro, a UnB, desde sua origem, carrega o compromisso de atuar sobre os grandes desafios nacionais, articulando ciência, educação e transformação social em diálogo permanente com a sociedade.

Ao longo de sua história, a UnB consolidou-se como uma universidade pública de referência, profundamente conectada com Brasília. Sua atuação integra ensino, pesquisa e extensão, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento científico, tecnológico e social e para a construção de políticas públicas orientadas pelo interesse coletivo, em sintonia com o

Brasília é, ao mesmo tempo, a cidade mais conhecida e a mais desconhecida do Brasil. Quem vive fora a enxerga pelo binóculo as decisões que ocorrem no entorno da Praça dos Três Poderes. Já quem mora na área urbana do Distrito Federal sabe que a vida acontece principalmente nas entrecruças e nas regiões administrativas, nas filas dos poucos ônibus e na travessia do Eixão. Nós, os brasilienses, somos um sujeito coletivo que está aprendendo a habitar uma cidade polinucleada que também é capital.

Nos últimos anos, esse estranhamento se tornou ainda mais evidente. Enquanto a mídia nacional trata Brasília como o tabuleiro onde se joga o futuro da democracia, o candango comum se preocupa com o metrô superlotado, com a calçada que sumiu sob o mato, com o posto de saúde que fechou mais cedo. Ser candango não é apenas uma bela herança etimológica dos pioneiros que chegaram com a poeira da construção. Ser candango é um ato político.

Conforme o IBGE, este território tem a maior desigualdade de renda do país, com 4,7% da população vivendo com menos de um quarto do salário mínimo per capita. Dados que não cabem no cartão-postal da cidade brasileira com o maior rendimento médio.

O turismo bate recordes. Segundo a Secretaria de Turismo do Distrito Federal, foram 111 mil visitantes estrangeiros em 2025, um salto superior a 60% em relação ao ano anterior. Dados da Embratur indicam que esse foi o melhor resultado da história, com destaque para as chegadas pelo Aeroporto de Brasília, que cresceram 78%. Muitos dos visitantes participam da Marcha das Mulheres Negras ou do Acampamento Terra Livre, assistem algum espetáculo no Mané Garrincha, e antes de irem embora postam, em sua rede social de preferência, uma foto ou vídeo em frente ao Palácio da Alvorada ou da Catedral. E tudo bem.

Brasília é uma obra em aberto que não se resume ao seu Plano Piloto. Ela se espalha por Ceilândia, Taguatinga, Samambaia, Planaltina, São Sebastião, por cada canto do DF onde se vive, cria-se e se resiste. Brasília, como território urbano, é bem maior do que os monumentos ao longo da Esplanada dos Ministérios.

Considero esse paradoxo uma potência. A cidade acolhe as dores cotidianas; a capital projeta os sonhos nacionais. Brasília nasceu da utopia. E a utopia, quando bem cultivada, vira cultura. Dos anos 70 aos 90, por exemplo, só para ficar com poucos nomes entre os vários significativos, a cidade fervilhou com a música de Liga Tripa, Legião Urbana, Capital Inicial, Cássia Eller, Renato Matos, Plebe Rude, Natiruts e GOG; com o teatro de Dulcina de Moraes, Hugo Rodas, Ribamar Araújo, Cláudio Falcão, Alexandre Ribondi e Madelon Cabral; com a literatura de Cassiano Nunes, Nicolas Behr, Anderson Braga Horta e Cristiane Sobral; com o cinema de Vladimir Carvalho e Afonso Brazza; artistas como Athon Bulcão, Seu Teodoro, Galeno, Gê Orthof, Toninho de Souza... Ufa!

Se pareciam poucos, faziam muito. ODF continua produzindo cultura, entretanto, muitos são os artistas e intelectuais que migram em busca de oportunidades. Faltam no quadradinho políticas públicas, de empregabilidade e cultura, inovadoras e financiadas com continuidade, não apenas enquanto editais intermitentes, e sim como um sistema que reconheça a capitalidade cultural como vetor de desenvolvimento tão importante quanto a capitalidade política.

A obra mais relevante na capital não é de concreto e vidro. É a própria sociedade civil, aquela dos movimentos por moradia que ocupam vazios urbanos; dos coletivos de cultura periférica que inventam festivais em quadras poliesportivas; das mães que organizam creches comunitárias; de todo brasiliense que se levanta para cuidar do que é comum, que reinventa a cidade diante da ausência do Estado, que costura vizinhanças e tece solidariedade.

Imagine-se os corredores culturais da cidade não servissem apenas para eventos pontuais, mas para intercâmbios artísticos permanentes entre as cinco regiões do país. Se as superquadras e as “cidades-satélites” abrigassem residências artísticas, se os teatros tivessem orçamento garantido, se os candangos consuissem a própria produção sem dependerem do selo de aprovação do eixo Rio-São Paulo. Não se trata de copiar ninguém. Trata-se de cuidar da originalidade que está aqui, na mistura de modernismo com a ginga de quem vem de todos os cantos do mundo para construir Brasília.

A cidade e a capital se reconhecerão quando não mais temerem o oxímoro que é Brasília: ao mesmo tempo local e nacional, periférica e central, moderna e popular. Esse encontro virá das calçadas, das feiras, das bibliotecas comunitárias, das rodas de samba, das batalhas de rima, da ocupação dos gramados e pilotis, das margens do Lago Paranoá, para que não haja só espaços de passagem, mas sobretudo de pertencimento, onde os atuais candangos criem mais territórios de afeto, para reinventarem, a cada dia, o sentido de viver na capital do Brasil.

Maurenilson Freire/CB/DA Press



# Brasília completa 66 anos sob o desafio de cuidar do futuro

» MARIA FÁTIMA SOUSA  
Professora titular do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB)



compromisso com a coletividade.

É nesse ponto que a vigilância cidadã se torna decisiva. Não como simples suspeita, mas como expressão madura de responsabilidade democrática. Vigiar a cidade é cuidar dela, acompanhar a gestão pública, exigir integridade, recusar o desvio de recursos, defender políticas sociais consistentes e afirmar que a vida pública não pode ser capturada pela indiferença, pelo privilégio ou pelo cálculo estreito de interesses. A vigilância cidadã é um gesto de pertencimento e de compromisso com o futuro.

Por sediar os Poderes da República, Brasília carrega um peso simbólico ainda maior. Aquilo que aqui se normaliza ecoa para o restante do país. O que aqui se corrige também pode irradiar esperança. Por isso, a capital não deve ser apenas centro administrativo ou palco institucional, precisa ser referência de convivência democrática, espaço de diálogo entre diferenças e território de produção de consensos mínimos, capazes de sustentar a vida pública em tempos de fragmentação, radicalização e descrença.

Essa reflexão se fortalece quando observamos os dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios Ampliada, 2024. O Distrito Federal reúne hoje quase 3 milhões de habitantes em 35 regiões administrativas, realidade que ultrapassou há muito os horizontes originais do planejamento da capital. A mesma pesquisa mostra avanços importantes, como o amplo acesso à água, à internet e ao esgotamento sanitário, mas também evidencia desigualdades persistentes no cotidiano, como o descarte inadequado de entulho, esgoto a céu aberto, alagamentos em períodos de chuva e uma dinâmica urbana fortemente marcada pela concentração de trabalho no Plano Piloto e pela dependência do automóvel. Esses dados revelam que pensar o futuro de Brasília exige olhar além e enfrentar, com seriedade, os desafios da moradia, da mobilidade, da infraestrutura e da justiça territorial.

Cuidar de Brasília, portanto, exige uma convocação ampla, firme e generosa. É tarefa da sociedade civil, das universidades, de trabalhadores, da juventude, das mulheres, dos movimentos sociais, dos setores comprometidos com o desenvolvimento e dos gestores públicos que compreendem a política como serviço, e não como apropriação. Uma cidade do bem-viver não nasce pronta, nem se mantém viva sem o trabalho cotidiano de muitas mãos. Ela se constrói no cuidado consigo, com o outro e com o que pertence a todos.

Esse cuidado se expressa na defesa do serviço público de qualidade, na valorização da saúde, da educação e da cultura, na proteção do meio ambiente, na redução das desigualdades e na promoção de espaços mais humanos e inclusivos. Também se manifesta na recusa à apatia, na disposição para o diálogo e na escolha da solidariedade como prática social. Uma cidade só se torna verdadeiramente pública quando deixamos de ser meros espectadores e assumimos o protagonismo à reconstrução cotidiana.

Ao completar 66 anos, Brasília nos devolve uma pergunta simples e profunda: que cidade queremos daqui para frente? A resposta não virá apenas dos gabinetes, nem dos ritos comemorativos, nem de novos projetos urbanísticos. Ela nascerá da capacidade de reconstituirmos os vínculos que nos unem em torno de um destino comum e da coragem de recolocar no centro da vida pública valores que não podem ser negociados: ética, integridade, respeito à dignidade humana, justiça e responsabilidade com as futuras gerações.

Mais do que comemorar, este aniversário convida a retomar o sentido de futuro que marcou a criação de Brasília. Amar a cidade não é negar seus problemas, mas assumir o compromisso de enfrentá-los com firmeza, lucidez e generosidade. O que definirá os próximos anos da capital não será apenas a importância de sua imagem, mas a capacidade de construir, no dia a dia, um projeto comum para sua gente.

Brasília chega aos 66 anos como uma obra consagrada na paisagem e na memória nacional, mas ainda inacabada em seu sentido mais profundo. Não porque lhe falte forma, monumentalidade ou reconhecimento histórico, mas porque toda cidade que se pretende democrática precisa ser permanentemente refeita por seus habitantes, por suas instituições e por sua capacidade de sustentar valores públicos. Brasília não é apenas um feito arquitetônico, mas uma tarefa ética e política.

Nascida de um projeto de interiorização do país e erguida pelo trabalho de brasileiras e brasileiros de diferentes regiões, a capital traz em sua origem uma marca profundamente coletiva. Nos traços de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, desenhou-se uma utopia moderna; nas mãos dos candangos, essa utopia ganhou corpo, voz e vida. Celebrar Brasília é, portanto, reconhecer aqueles que lhe deram humanidade e densidade social, muito além do concreto, das largas avenidas e dos monumentos que a tornaram singular no mundo.

Mas nenhuma cidade se sustenta apenas por sua beleza. Monumentos, sozinhos, não garantem justiça, pertencimento ou dignidade. Uma capital da República precisa ser medida também pela coerência entre suas instituições e as necessidades do povo, pela forma como protege a vida, valoriza o bem comum e faz prevalecer o interesse público sobre conveniências particulares. Quando esses princípios enfraquecem, a cidade perde algo de essencial: seu